

CONVERSA COM EUGENIO FERNÁNDEZ GRANELL, EM MADRI, NO ANO DE 1997¹

Eugenio Fernández Granell (1912 – 2001) foi, entre muitas outras coisas, escritor, músico, pintor e professor. Nasceu em novembro de 1912 na Corunha e cresceu entre essa cidade e Santiago de Compostela. Essa última lhe prestou homenagem em 1997, tornando-o “cidadão adotivo” e atribuindo-lhe a medalha de ouro por suas contribuições artísticas.

A música e a escrita marcaram a infância e a juventude do jovem Eugenio, que chegou a idealizar, com o irmão Mário, em 1927, a revista *SIR* (Sociedade Infantil Revolucionária), a qual foi a primeira, de muitas, em que escreveria. Um ano depois viajou a Madri para estudar na Escola Superior de Música do Conservatório Real. Frequentou ambientes culturais e políticos e estreitou laços com artistas e intelectuais, publicando nas revistas *Nueva España* e *PAN* (Poetas Artistas Navegantes). Ainda, desenvolveu intensa atividade política, primeiro no Partido Comunista Espanhol e depois no POUM (Partido Operário de Unificação Marxista), tendo sido combatente durante a Guerra Civil Espanhola (1936 – 1939). Em abril de 1939, com Francisco Franco no poder, Eugenio Granell foi forçado a deixar o seu país e iniciar um exílio que durou mais de quarenta anos.

Já exilado, ameaças à sua vida o obrigaram a se mudar diversas vezes e a viver e produzir suas obras em vários países, entre eles, República Dominicana, Guatemala, Porto Rico e Estados Unidos. Pintou e escreveu várias obras, como *Isla cofre mítico* [1951], *La novela del Indio Tupinamba* [1959], *El clavo* [1967], *Picasso's Guernica: the end of the Spanish era* [1967], *Lo que sucedió* [1968], *Federica no era tonta* [1970], *Ensayos, encuentros e invenciones* [1998], entre outras.

Depois de viver nos Estados Unidos, Granell e sua família voltaram a Madri em 1985. Na Espanha, recebeu homenagens, prêmios e incentivos, sendo o mais importante a criação da magnífica Fundação Eugenio Granell, em Santiago de Compostela, onde se conserva grande parte de sua produção artística. Desde 1993, algumas de sus pinturas figuram na coleção permanente do Museu Nacional Centro de Arte Rainha Sofia, de Madri; outras estão no Museu de Arte Moderna de Nova York e em museus de Santo Domingo, da Guatemala, de San Juan,

¹**Entrevista realizada e apresentada por:** Ruben Daniel Méndez Castiglioni (UFRGS-CNPq).

Transcrição e tradução: Eduardo Tomasini Nunes (Bolsista IC UFRGS-CNPq).

Revisão: Robert Ponge (UFRGS) e Janaína de Azevedo Baladão (PUCRS).

de Porto Rico e de Norfolk, entre outros. Seus romances foram traduzidos a diversos idiomas. Em 2018, foi traduzida ao inglês e publicada nos Estados Unidos, *La novela del Indio Tupinamba*. Nosso grupo de pesquisa da UFRGS também fez a tradução deste romance ao português e aguarda sua publicação sob o título *A novela do Índio Tupinamba*.

Esta entrevista, da qual agora publicamos uma parte, é essencialmente uma breve e bem-humorada conversa que foi realizada em 1997, quando o artista nos recebeu gentilmente em sua residência graças à intervenção do pesquisador e diretor do Instituto Valenciano de Arte Moderna, Emmanuel Guigon – hoje a cargo do Museu Picasso de Barcelona. Fomos a seu apartamento em Madri com um gravador na mão e muitas perguntas. Sua companheira, a também artista plástica, Amparo Segarra, despertou-o da sua prática habitual da sesta para falar com “o estudante que veio do Brasil”. Don Eugenio Granell apareceu na sala de estar impecavelmente vestido, com um terno cinza, sem gravata, e um olhar que já foi descrito como “o mais sincero que alguém pode encontrar no mundo”.

Depois de nos mostrar sua biblioteca, oferecer uma quantidade de livros raros, dar-nos exemplares seus assinados e dedicados (com desenhos seus), mostrar-nos as obras de arte nas quais estava trabalhando, contou um pouco de sua história de vida e de como o surrealismo o encontrou e como ele encontrou o surrealismo.

1. Poderia contar como o surrealismo surgiu na sua vida?

E. G. – Eu não sabia muito sobre o surrealismo, porém, na Espanha, antes da Guerra Civil, conheci um jovem escritor do meu país que havia passado algum tempo na França e depois veio a Madri. Tornei-me um grande amigo dele. Era muito bom pintor, não surrealista, mas muito bom pintor. Chamava-se Fernández Mazas. Ele escreveu vários livros, muito bons, os quais tenho. Foi quem me falou sobre o surrealismo. Ele me emprestou três exemplares da revista surrealista *Minotaure*, e fiquei fascinado com as fotografias, com as pinturas... Mazas não era surrealista, e não estava nem um pouco interessado no surrealismo. Por outra parte, eu sim estava muito interessado, e mais ainda depois, na América, com a presença de André Breton, quem me incentivou a ler mais livros.

2. E na América havia muitos livros e revistas sobre o surrealismo?

E. G. – Os dominicanos tinham bibliotecas muito boas, inclusive com revistas e muita literatura francesa. Pegava livros emprestados e ficava encantado, porque tinham tudo o que eu não tinha, e estava ali, ao meu alcance. Na Guatemala, aconteceu a mesma coisa, e depois em Porto Rico também. Na Universidade de Porto Rico, onde estive por sete anos, tinha uma biblioteca maravilhosa e havia lá muito do surrealismo, claro que faltavam alguns títulos e algumas revistas, mas tinha bastante material, o que me ajudou muito. Também me ajudou o relacionamento pessoal com André Breton. Com o passar dos anos, minha esposa e eu fomos, diversas vezes, dos Estados Unidos para Paris, durante as férias de verão da universidade, porque fiquei muito amigo de Breton e de sua esposa até a morte deles. A convivência com ambos fez de mim uma pessoa melhor.

3. Pode contar um pouco de sua história de vida?

E. G. – Eu lutei junto ao exército republicano contra o exército fascista do general Franco, na Espanha. A Guerra Civil foi originalmente uma revolução proletária igual à russa do ano 1917, com muitas vantagens para a Espanha, porque antes de 1917 nenhum russo conhecia nenhuma revolução, mas os espanhóis sabiam da Revolução Russa porque havia sindicatos e existia muita cultura revolucionária. Mesmo aqueles que não sabiam ler ou escrever ouviam constantemente conferências e discursos e assimilavam tudo. Em comparação com a Rússia, o proletariado espanhol era muito mais numeroso e tinha uma consciência revolucionária muito profunda. Em 18 de julho de 1931, sem que ninguém lhes dissesse nada, os camponeses tornaram-se donos das terras, os proletários tornaram-se donos das fábricas, mas não mataram nenhum fabricante nem engenheiro, porque sabiam que eram eles que entendiam o funcionamento das coisas e queriam que continuassem trabalhando para eles.

Como refugiado, primeiro fui para a França, passei por um batalhão de infantaria e um batalhão de engenheiros, do qual era chefe, uma patente altíssima de tenente-coronel, isso porque eu estava no front há muito tempo, mas não sabia nada sobre ser militar. Chegou uma hora que os nazistas já tinham tomado a França completamente. Eu tinha muito medo de ficar na França e fiz o mesmo que muitos franceses e muitos indivíduos de outras nações que viviam no país: procuramos uma forma de poder sair, e o lugar escolhido, o mais importante, foi a América Latina. Muita gente foi para a Argentina, outros para o Brasil, porém a maioria foi para a região central, para o Caribe e outros lugares próximos.

4. Muitos viajaram às Américas...

Organon, Porto Alegre, v. 39, n. 77, jan/jun. 2024.

DOI: 10.22456/2238-8915.139568

E. G. – Sim, muitos. André Breton, por exemplo, passou pela República Dominicana, onde lhe fiz uma longa entrevista para o jornal *La Nación*, que era o jornal mais importante do país. Era uma descrição extensa da situação na França, dos surrealistas que permaneceram no país e daqueles que partiram com ele e que já estavam se espalhando pela América Latina, como André Masson. Conheci também um médico, o doutor Pierre Mabile, que também estava lá, e o importante escritor russo Victor Serge.

5. Como foi sua chegada no continente americano?

E. G. – Quando desembarcamos na República Dominicana para ter um lugar para viver, chegamos com pouco dinheiro, quase nada, mas vendi meu relógio, minha máquina fotográfica. Minha esposa vendeu seus anéis e seus colares e assim fomos vivendo. Vivemos seis anos muito felizes, porque estávamos com muitos outros refugiados que eram nossos amigos. Porém, teve um ditador que começou a matar pessoas, ele matou vários amigos meus e eu não gostava da ideia de que poderia ser morto. Trujillo era um animal. Desde que era criança, com apenas seis anos, já não gostava da ideia de que me matassem. Por isso, fomos para a Guatemala e lá encontramos alguns amigos que também estavam refugiados. Não só espanhóis, mas de outras nacionalidades também. Porém, chegou outro ditador que, no início, era nosso amigo, mas depois resultou em mais um que queria me matar.

6. Todos queriam lhe matar...

E. G. – Por isso tive que fugir, porque seguia sem gostar da ideia de que me matassem. Então, fomos para Porto Rico. Eu trabalhava em muitas coisas, era violinista, porque tinha estudado música e queria ser o melhor violinista do mundo. Assim, um espanhol organizou uma orquestra sinfônica em Santo Domingo, na República Dominicana, e eu fui um dos primeiros violinistas, com isso ganhava meu dinheiro para poder comer. Minha mulher trabalhava também, e com o pouco dinheiro que tínhamos, podíamos viver. Mas o mais importante é que, como exilados, não tínhamos medo de que um policial viesse à nossa casa, nos levassem presos e depois realmente nos matassem. Dormíamos tranquilos, diferentemente de todo o povo que havia ficado na Espanha e vivia aterrorizado porque não podiam falar, não podiam fazer nada, era horrível.

Gostamos muito de viver na Guatemala, porque a maioria da população da Guatemala era de indígenas puros. Acredito que havia uns 30 povos que aparentemente tinham a mesma língua, mas ao mesmo tempo uma língua ligeiramente diferente. Por conta disso, entre esses grupos, eles tinham de ter tradutores. Eram três milhões de habitantes; a Guatemala é um país pequeno. Dois milhões e meio eram indígenas e o restante era metade composta por brancos e a outra metade por mestiços.

Vivemos lá três anos, nos quais fui professor universitário. Depois fomos para Porto Rico porque havia um novo ditador que morava perto de nós. Era um militar muito simpático, muito inteligente, mas se tornou um ditador terrível como o outro que ele derrubou. Tirou um ditador para se tornar outro igual...

7. Sim, a América está cheia dessas histórias...

E. G. – Portanto, fui embora com a minha esposa quando descobri que eles também queriam me matar. Em Porto Rico, tive a sorte de conhecer o reitor da universidade, e ele imediatamente me nomeou professor da instituição. Bem, eu não podia pedir mais, porque lá ele não queria me matar...(risos). Por isso, estivemos lá naqueles anos, e depois fomos novamente a Porto Rico por aproximadamente quinze anos... depois, por mais de meio século, nos Estados Unidos.

8. E sempre escrevendo e pintando...

E. G. – Bom, é isso que faço. Pinto muito, sim, e pinte muito a vida toda. Pinte muito mais do que escrevi. Eu escrevi muitos artigos em jornais e revistas, provavelmente, mil ou mais. E também porque às vezes escrevia para revistas modestas que não me pagavam nada. Mas depois outras revistas me pagavam, de maneira que ganhava um pouco mais de dinheiro. Escrevia três ou quatro artigos por mês, ganhava 4 ou 8 mil pesetas, dependendo. É o que eu sigo fazendo, mas agora escrevo menos, escrevo mais para mim, não para publicar.

Agora estou preparando cinco pequenas pinturas. Porém, estive seis meses doente e não pude trabalhar de jeito nenhum. Esta é a primeira vez que fico tanto tempo sem pintar. Estou trabalhando nesses cinco pequenos quadros para recuperar minha habilidade, e isso me ajuda. Tão logo eu esteja melhor, vou pintar aquela tela maior que está preparada para a pintura há sete meses, mas a doença não permitiu que pintasse antes.

9. A tela em branco é desafiadora?

E. G. – Não, não (risos). Eu já imagino mais ou menos o que vou pintar. Nunca faço um croqui ou estudo para pintar alguma coisa, nunca sei o que vou pintar. Coloco as cores na tela, pego os pincéis, faço mancha de cores e aí me parece bom, então coloco outra cor para ver o que acontece e aos poucos sai alguma coisa. No entanto, penso em saber o que vai sair, e, finalmente sai alguma coisa. Algumas vezes saem coisas muito ruins, então às vezes desfaço, em outras, deixo. Muita gente pergunta o porquê de colocar esses títulos. Bom, não dou título, porque não sei o que pintei, mas a certa altura percebo “ah, isso tem esse formato, então vou colocar esse título”. Ponho os títulos de acordo com o que vejo, porque alguma coisa sempre se vê.

10. O surrealismo sempre presente...

E. G. – Em tudo o que fizemos...

Entrevista submetida em: 14 mar. 2024

Aceita para publicação em: 08 abr. 2024

DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.139568>